

"Dos Meninos da Malanga:" para uma leitura mais construtiva

por Albino Magaia

No jornal «Domingo» saído no dia 24 de Julho, sob o título «O Conceito de Poesia em "Dos Meninos da Malanga" de Calane da Silva», Fernando Chiziane fez publicar uma crítica àquela obra.

Talvez porque quando o livro foi publicada, em 1982, aquele jovem crítico ainda estava no banco da escola, ou por outra razão qualquer, esta crítica saiu seis anos depois do lançamento de «Dos Meninos da Malanga» e menos de um mês após Calane da Silva lançar o seu segundo livro, intitulado «Xicandarinha No Lume do Mundo». Talvez porque F. Chiziane está-se iniciando na difícil arte de criticar, ou por outra razão qualquer, o artigo publicado no «Domingo» está longe de ser um estudo isento, pese embora todo o seu aparato académico. Talvez porque o autor escreve para provar uma tese pré-concebida, ou por outra razão qualquer, o artigo é uma meia-lua, uma focagem distorcida. Com a devida vénia, transcrevo o final do texto de F. Chiziane, eloquente quanto às conclusões do autor:

— Pode dizer-se que Calane da Silva sugere nos seus textos um conceito de poesia mais esquivo e, talvez, muito vulgar. Poesia, para Calane da Silva, parece, por vezes, significar invenção verbal, porquanto nos seus textos podemos verificar palavras como «Amarrabentados», «Acacimbada», «Mulungamos», «Azagalado», «Argamasar», e outros neologismos.

Para Calane da Silva, fazer poesia significa também identificar-se com uma determinada cultura, através do uso nos textos de palavras como: farinha de mandioca, panela de barro, bebe sura, missangas, tambores, tintilhos, mapfilhos, caril de amendoim, nhamussoros, marrabenta.

Poesia, para o autor de «Dos Meninos da Malanga», significa identificar-se com uma determinada terra, através do uso nos textos de termos como Malanga, Xipamanine, Terras Namarrais, Monte Bárue e referência a nomes como Magulwana, Monomotapa, etc.

Para Calane da Silva, a poesia significa, fundamentalmente, operar a nível ideológico, em desequilíbrio com a expressão, com a forma. Significa, também, para o autor de «Dos Meninos da Malanga», produzir textos com tendência panfletária, fazer a reafirmação da raça e da cultura negras

em desfazamento com a forma (...)

Estes petardos verbosos juntam-se a maquetização da página em que o artigo saiu e onde aparece Calane da Silva de perfil, com uma barriga enorme — uma foto que parece ser uma ficha policial — e mais duas fotos — Calane da Silva, com máquina de escrever e outra, em meio corpo, com uma bandeira da FRELIMO como pano de fundo.

Apesar de, certamente, não ir ser lido pela totalidade de pessoas que leram a violenta crítica ao livro de Calane da Silva, julgo que vale a pena procurar, no presente texto, outros caminhos para se entender a poesia de Calane da Silva e lhe achar os méritos e deméritos. «Dos Meninos da Malanga», é um livro — testemunho de uma época, um livro que, como todos os livros de poesia, tem poemas bem conseguidos e outros menos conseguidos. Fernando Chiziane ocupou-se abundantemente destes últimos. Por isso, ocupemo-nos, com serenidade, dos outros, dos poemas bem conseguidos. E comecemos por um (pág. 16) que eu considero uma das mais cristalinas pérolas da nossa literatura, formalmente exemplar e de uma densidade humana que lhe dá validade universal:

POEMA DA FRUSTRAÇÃO

O desespero, o medo, a raiva
e também o cheiro que aperta
nos becos do meu bairro
conduzem-me ao pacifismo

[bolorento
da minha revolta frustrada.
Bebo todos os dias este cálice

[de mau cheiro
e com um sorriso nos lábios
vou bem-dizendo estes cristãos

[não racistas
que me ofereceram um deus

[da sua raça.

Também
um Cristo de ébano que me

[pertence
sufoca entre o telhado de zinco

[e as paredes de canico
e pergunto à imagem crucificada

[se valeu a pena
um parto africano no ventre

[dos continentes.

Porém, meu Deus

não te peço bênçãos pelos meus

[cabelos encarapinhados

e por te imaginar de cor negra

[no meu quarto
pequena grande catedral
onde me amortalho

[de passividade.

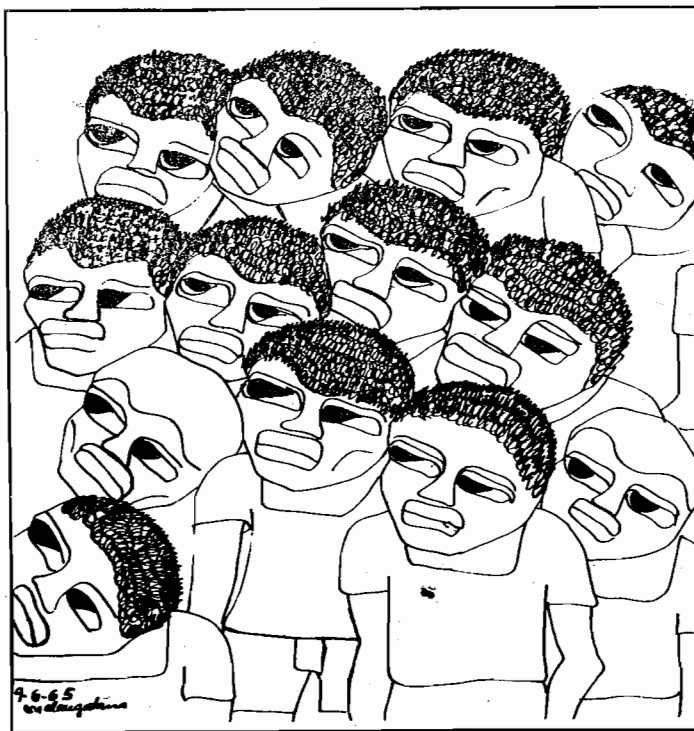
Este é um grito de negritude, de afirmação cultural e política. Desde o primeiro rebento do coito entre uma preta e um branco nasceu a questão cultural no mulato, que não é invenção de Calane da Silva. Essa questão tem feito gastar rios de tinta a políticos, sociólogos e psicólogos, para além de constituir tema de pungentes obras de arte poética que encontramos também em Craveirinha.

No tempo colonial, estes dramas de identidade existiram (e quem

vistos, não encontrou parâmetros estéticos universais neste curto poema, o que vem a consolidar a sensação de que a escolha de determinados poemas no livro de Calane da Silva, foi, de facto, forçada e com um único objectivo: provar que, para Calane da Silva, a poesia significa, «fundamentalmente, operar a nível ideológico em desequilíbrio com a expressão, com a forma», segundo escreve o crítico.

Dos meninos da Malanga

(POESIA)



CALANE DA SILVA

diria que já desapareceram?). Calane da Silva teve a coragem de registar essa luta interior no «Poema da Frustração» e sabe-se como resolveu o seu problema de identidade. Deste maravilhoso poema não se pode dizer, como diz Fernando Chiziane, que o autor produz textos com «tendência panfletária» e faz a reafirmação da raça e da cultura negras «em desfazimento com a forma...» Em qualquer lugar onde se fala português, dirão que o poema é belo e é formalmente feliz.

O eterno tema da prostituição não podia ser alheio a quem viveu na Malanga. Na página 30 do livro, encontra-se um belo poema intitulado «Sexo Pago». É sabido que todos os artistas moçambicanos, desde o fotógrafo Ricardo Rangel aos pintores e escritores (Malangata, Craveirinha, etc.) debruçaram-se, em algum momento da sua obra, sobre o tema da prostituição, chaga aberta no coração do país desde o tempo colonial Calane da Silva diz-nos:

Da noite
ficou-me o sabor acre
de petróleo queimado
de latrinas infectas
e o tilintar angustiante
de uma moeda convencional.
No pensamento
mantive o resto:
algemas vivas
em punhos sifiliticos.

— Embora seja difícil conceituar poesia de forma única, existem determinados parâmetros estéticos universais consagrados e reconhecidos pela humanidade, e que são produto da tradição estética... diz Fernando Chiziane que, pelos

Rosinha
tu estar chatiado
não ir trabalhar.
Rôsinha
agente aôje vai amar.
— Ouvi quirido
você sabe qui Chiquito
comeu manga verde
tem dor no barriga
agente aôje não vai amar.
Rôsinha
eli não vai chorar!
Eu vai comprar rimédio p'ra
[Chiquito]

tu vai ver
eli ficar bom
eli adi brincar.
Tira capulana Rôsinha
agente aôje vai amar!

E, em termos de imagens não é exemplar e denso de humanidade o seguinte poema intitulado «Ao Nosso Amor Inacabado (2)»?

É havia
milho nos teus olhos
onde saciava esta fome dos
[tempos

no beijo do trabalho
sachava a terra
na seiva dos teus seios.
Agora
impossível o fruto
grito-te apenas amor na carne
em cada estação das chuvas.
Em ti
a dor não tem medida!

A CULTURA DO CRÍTICO

Podíamos continuar indefinidamente. Mas aqui chegados, uma pergunta se impõe: como é possível ser tão parcialista ao analisar uma obra? Não será que o crítico forçou, com objectivos nem literários, nem académicos a leitura da obra?

Penso que «Dos Meninos da Malanga» é uma obra descontinuada na medida em que entre poemas em que o autor se realizou plenamente como artista, tem outros em que não logrou essa plenitude. Mas isto não é «doença» de Calane da Silva. Encontramo-la em poetas de renome, nacionais ou estrangeiros. E mesmo naquilo que Fernando Chiziane chama de estrutura narrativa, onde elementos como espaço, tempo, personagens acção se podem descortinar, perdeu, uma vez mais oportunidade de falar de intertextualidade, por que quem conhece a poesia moçambicana de autores como Noémia de Sousa, Fernando Ganhão e poesia angolana de poetas como Alda Lara e António Jacinto, sabe que produziram também esse tipo de texto (não em todos, mas em alguns poemas) onde predomina a beleza das imagens.

Por isso não admira que Calane da Silva, que leu todos esses poemas, nos apresente o poema que dá título ao livro «Dos Meninos da Malanga» (Pág. 22) e o poema «A Morte de Ximantana» marcados por essa estrutura narrativa que nem sequer é pecado mortal em poesia. «Dos Meninos da Malanga» é uma leitura obrigatória, por ser testemunho de uma época por ser um estágio da literatura moçambicana tomada como um todo em movimento e por ser obra de um autor que, por humildade, disse publicamente não ser poeta, mas sim produtor.

Para criticar uma obra não basta alinhar alguns conhecimentos teóricos e fazer diatribes analíticas. É necessário que o crítico seja culto e que tenha em conta todos os factores que concorrem para o entendimento da obra objecto de estudo, nomeadamente História, Sociologia, Política e mesmo factores mais subjectivos como a idade do autor, pois que, no caso de Calane da Silva, apresentou-nos poemas de uma franja etária que oscila dos dezasseite aos trinta anos.

Sobretudo, um crítico deve ser construtivo, não usar as palavras como metralhadoras nas mãos de um Al Capone literário.

